



Memórias de aprendizagem de gramática de graduandos da UFMG

UEADSL2018.1

Ana Cristina Fricke Matte (org)

Ted Vizeira Sobrinho

Gabriela Aparecida dos Reis Freitas

Natalia Carin da Silva Oliveira

Edmilson Simões

Vanessa Ribeiro da Silva

Kelly Lúcio Duarte

Fernanda Luiza da Silva

Margarete Martins dos Santos

Cláudio de Oliveira Souza Neto

Ludymila Alves dos Santos

Eloisa Maria da Cruz

José Gomes de Oliveira Junior

Juliana de Jesus Aquino Silva

Diana Xavier da Silva Vieira

Roany de Jesus Roberto Paiva

Guilherme Domingos do Carmo

Flávia Rodrigues

Realização

Textolivre

Apoio

LABORATÓRIO
SEMIOTEC

CAED
Centro de Apoio à Educação e Didática

FALE
FACULDADE
DE LETRAS

FRAC
FACULDADE
DE CIÊNCIAS
EXATAS

PROEX
PRÓ-REITORIA
DE EXTENSÃO

PROGRAD
PRÓ-REITORIA
DE GRADUAÇÃO

UFMG



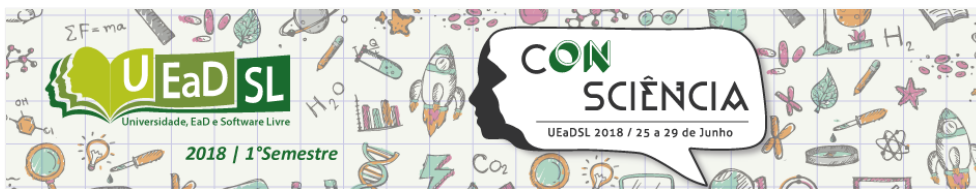
Memoriais gramaticais de graduandos da UFMG

UEADSL2018.1¹

Resumo: A escrita de memórias foi adotada como ferramenta didática para a disciplina de Gramática Tradicional por seu poder de engajamento: ao escrever sobre sua história de ensino/aprendizagem de Gramática, os estudantes puderam trazer, sem receio de retaliação, suas dificuldades, as quais foram trabalhadas durante o semestre, não só em leituras e exercícios de gramática propriamente dita, mas também na revisão deste texto. Estes breves memoriais, portanto, são depoimentos dos alunos sobre sua experiência de vida, trabalhados e retrabalhados para vir a público.

Palavras-chave: gramática tradicional, ensino, aprendizagem, Letras, graduação.

1 MATTE, Ana C. F. (org). Memórias Gramaticais de Graduandos da UFMG – UEADSL2018.1. Belo Horizonte: SEMIOTEC/FALE/UFMG, 2018. Disponível em: <<https://eventos.textolivre.org/moodle/mod/data/view.php?d=4&rid=3>>. Acesso em 25 de junho de 2018.



Índice

Prefácio.....	5
Ana Cristina Fricke Matte	
1. Minha história com a Gramática.....	7
Gabriela Aparecida dos Reis Freitas	
2. Minha experiência com a Gramática!.....	9
Edmilson Simões	
3. Minha pequena trajetória com a gramática do português.....	12
Kelly Lúcio Duarte	
4. Reminiscências.....	14
Margarete Martins dos Santos	
5. O processo de ensino-aprendizagem da Gramática Tradicional.....	17
Ludymila Alves dos Santos ⁹	
6. sempre tentei fugir.....	20
José Gomes de Oliveira Junior	
7. A escolha da minha vocação.....	22
Diana Xavier da Silva Vieira	
8. A gramática e eu.....	24
Guilherme Domingos do Carmo	
9. A gramática em minha vida.....	26
Ted Vizeira Sobrinho	
10. Minha História.....	30
Natalia Carin da Silva Oliveira	
11. A minha história e a gramática.....	31
Vanessa Ribeiro da Silva	



12. A gramática e eu.....	33
Fernanda Luiza da Silva	
13. Biografia gramatical (futebolística).....	35
Cláudio de Oliveira Souza Neto	
14. Minha História com a Gramática.....	37
Eloisa Maria da Cruz	
15. Minha vivência com a gramática na graduação.....	39
Juliana de Jesus Aquino Silva	
16. Minha história.....	40
Roany de Jesus Roberto Paiva	
17. Eu e a gramática.....	44
Flávia Rodrigues	



Prefácio

Esta foi a minha primeira turma de Gramática e a primeira vez que a disciplina de Gramática Tradicional foi oferecida como opcional e online na FALE/UFMG. Graças ao apoio da professora Sartori, com referências bibliográficas, vi e venci. Quanto à turma, os alunos inscritos formaram um conjunto bem heterogêneo: calouros, veteranos e formandos, cursando diferentes habilitações, ou seja: o perfil da turma é bastante difícil de traçar. Assim, decidi seguir os passos dos colegas Pereira, Sartori e Castro² e criar um wiki, no qual os alunos pudessem nos contar livremente suas histórias de aprendizagem de leitura, escrita e gramática.

Encantada com os resultados da primeira escrita, incluí no curso tarefas de revisão, baseadas nos diferentes temas e recursos que trabalhamos durante o semestre, desde slides sobre escrita a partir da Gramática (de Karlla Leal e Maria Auxiliadora Leal, ambas da FALE), até softwares focados em questões pontuais como crases, pontuação e a própria GRATELI, gramática aberta do Texto Livre, grupo que desenvolveu esses softwares³,

2 Daniervelin Renata Marques Pereira e Adriane Teresinha Sartori, colegas da Faculdade de Letras/UFMG. Carlos Henrique Silva de Castro, professor de Educação do Campo na UFVJM.

3 <http://www.textolivres.org/aplicacoes/>



bem como o blog REALPTL⁴.

Na última etapa, levada pelo hábito de professora de produção de textos, fiz sugestões pontuais para cada trabalho, sem que os autores fossem obrigados a segui-las, já que muitas foram sugestões de estilo, buscando tornar os textos mais acadêmicos. Somente os trabalhos que passaram pelas primeiras revisões chegaram nesta etapa e estão aqui publicados.

As histórias aqui apresentadas são variadas, por muitos motivos diferentes, a começar pelos relatos, que nos deixam saber que o gosto pela gramática é compartilhado apenas por alguns. É interessante como cada trajetória foi afetada por fatores como escolaridade dos pais, tipo de escola frequentada, incentivo à leitura, acesso a livros de literatura, estilo dos professores etc. Se fosse essa minha área de pesquisa, teria aqui um material muito produtivo para análises do ensino de português no Ensino Médio e no Fundamental; fica a ideia para quem quiser aproveitar.

Desejo a todos uma ótima leitura!

Ana Cristina Fricke Matte

4 Recursos Educacionais Abertos para Leitura e Produção de Textos nas Licenciaturas:
<http://realptl.lettras.ufmg.br/realptl/>



1. Minha história com a Gramática

O começo da minha história com a gramática é bem similar a dos colegas, estudei a vida toda em escola pública e nos primeiros anos estudávamos o básico e muitos livros de literatura brasileira, a partir do 5º ano começamos mais a fundo com a gramática propriamente dita, praticava muitos exercícios e também através dos livros "Clássicos da Literatura Brasileira" e eu amava as aulas, as leituras, os exercícios. Esse foi um dos fatores que me levaram a escolher o curso de Letras, porém quando cheguei na universidade me deparei com algumas dificuldades, principalmente nos três primeiros semestres, mas me esforcei e consegui atingir os meus objetivos. Hoje no meu último semestre passei por muitos "perrengues estudantis" mas tenho total confiança de que escolhi o melhor curso e que estou no caminho certo.

Comecei a estudar muito cedo, aprendei a ler e escrever muito rápido também, na formatura do Pré escola, eu fui a oradora da turma, pois era a única aluna que tinha muito boa leitura. E esse gosto foi se tornando cada vez maior, eu tinha obsessão por ler, tinha fome por livros, cada vez buscava por livros novos e tudo me interessava, qualquer tema para mim era um boa leitura, começava



a lê-lo e terminava no mesmo dia, hoje com a faculdade, emprego esse hábito foi se tornando cada vez mais difícil, mas estou tentando voltar aos poucos e creio que vou conseguir alcançar meu objetivo.

Sempre gostei da matéria de Português e a gramática sempre me interessou, sempre quis me aprofundar e saber mais, acho que devido a isso escolhi o curso de Letras. Passei por muitos apertos durante todo o curso, mas o meu gosto por leitura e gramática sempre me ajudaram, estou terminado a minha graduação com a certeza de que fiz a escolha certa para a minha vida.

Gabriela Aparecida dos Reis Freitas

Realização

Textolivre

Apoio

Laboratório SEMIOTEC

CAED
Centro de Apoio à Educação e Didática

FALE
FACULDADE
DE LETRAS

FRAC
FACULDADE
DE CIÊNCIAS
EXATAS

PROEX
PRO-REITORIA
DE EXTENSÃO

PROGRAD
PRO-REITORIA
DE GRADUAÇÃO

UFMG



2. Minha experiência com a Gramática!

Quando estava nos primeiros anos das séries iniciais, eu tive uma experiência com leitura e fui apresentado mais formalmente à gramática tradicional. Mal sabia eu que, a partir daquele momento, aquilo seria um problema! Eu tinha muitas dificuldades em relação ao estudo de gramática, problemas com as regras, as quais nunca entravam em minha cabeça.

Durante os anos iniciais na escola, tive bons professores de português, embora, tenha estudado em escola pública a vida inteira. Lembro-me do primeiro resumo de livro que fiz do livro "O Burrinho Alpinista". Foi uma dificuldade tremenda, pois, além de resumir o livro, precisava separar os verbos e os adjetivos. Os exercícios de sintaxe estavam entrando em minha vida para complicar o que já era complicado. Fiz tudo errado e, de saída, a professora me disse: "Já vi que você vai me dar trabalho". A partir daí, diminuí muito meu interesse em língua portuguesa; eu preferia a língua inglesa, porque eu tinha mais facilidade de aprender "Verbo to Be", e passei mesmo a detestar a gramática do Português. Eu só "fazia para o café" mesmo, ou seja, para passar de ano. Alguns anos mais tarde, eu completei o ensino



fundamental e fiquei três anos sem estudar, de modo que não fiz o ensino médio regular, mas, sim, o supletivo.

Eu lembro da minha professora de português da 4ª série, ela estava grávida e estava ensinando orações coordenadas sindéticas e assindéticas, quando perguntei para ela: onde eu iria usar aquilo? Ela disse que não precisava saber onde, mas que eu deveria aprender que era necessário e que eu estava na aula para aprender aquilo. Eu disse: "se não vou usar isso, não quero aprender". Ela discutiu comigo a ponto de passar mal, e quase teve o bebê na sala de aula. Fiquei preocupado, levei uma advertência da diretora da escola, o que só aumentou meu desinteresse em gramática: em suma, eu não conseguia mais aprender a norma culta.

Só alguns anos mais tarde comecei a perceber o quanto era importante e necessário saber as regras e as aplicações da gramática nas áreas da vida, e que isso era essencial para minha realização. Quando me casei, tive a influência marcante de minha esposa: ela, que é uma amante da literatura estrangeira e brasileira, é também uma amante de gramática. Graças a ela, tomei gosto por gramática e quis aprender um pouco mais sobre a



Gramática Tradicional, bem como suas regras e funcionalidades. Quando comecei minha graduação na Faculdade de Letras da UFMG, achei muito complicado estudar gramática, a abordagem era muito diferente daquela a que eu estava acostumado na escola pública, cheguei a me sentir meio ignorante, "burrinho" mesmo. Hoje gosto mais e estudo mais também, leio muito e tento compreender, mas ainda acho difícil. Espero melhorar.

Edmilson Simões

Realização

Textolivre

Apoio

Laboratório
SEMIOTEC

CAED
Centro de Apoio à Educação e Didática

FALE
FACULDADE
DE LETRAS

FRAC
FACULDADE
DE CIÊNCIAS
EXATAS

PROEX
PRÓ-REITORIA
DE EXTENSÃO

PROGRAD
PRÓ-REITORIA
DE GRADUAÇÃO

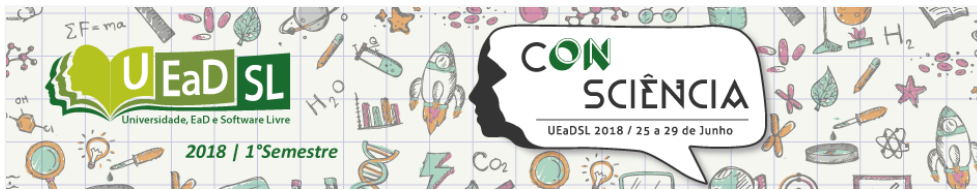
UFMG



3. Minha pequena trajetória com a gramática do português

Desde a época do Ensino Fundamental, que tenho praticado o hábito de ler e de escrever por incentivo dos professores da escola na qual estudei. As obras da literatura brasileira, que sempre me despertaram o interesse, me encantavam pela gama de temas e de autores à disposição dos alunos para a leitura na biblioteca escolar. Eu percebia que muitos colegas desvalorizavam o estudo da língua portuguesa em sala. Eles achavam que a matéria era difícil e que ela sempre se resumia ao estudo da gramática normativa. Como eu já possuía o hábito de ler, tive a gramática como uma ferramenta que me auxiliou a compreender a língua, bem como no aprimoramento da prática da escrita. Enfim, sempre tive um sonho: estudar letras na UFMG e aprender mais sobre a língua portuguesa.

Sonho com um dia em que todos residentes deste País possam valorizar mais a nossa Língua Portuguesa, procurando falar, escrever e compreendê-la em toda sua complexidade e beleza.



Kelly Lúcio Duarte

Realização



Apoio





4. Reminiscências

Apesar dos meus pais terem sido semialfabetizados, sempre conservaram a importância da instrução para a vida, por isso foram grandes incentivadores no processo de ensino-aprendizagem. Minha mãe, inclusive, a despeito de não haver concluído o ensino fundamental, foi quem iniciou a minha alfabetização e a de meus irmãos.

A minha história com a leitura começou muito cedo. Logo que aprendi a ler, por volta dos seis anos de idade, lia tudo que encontrava pela frente, desde placas de rua, letreiros de ônibus e fachadas de lojas até gibis e folhetos de oferta de supermercado.

Lembro-me de que estava no ensino fundamental e tive acesso ao primeiro livro. A obra, da famosa série Vagalume, cujo título é “Sozinha no mundo”, narra a história de uma menina que se vê órfã ante à morte da mãe e tem que ir em busca do tio. Após passar por muitas desventuras, provocadas pelo tio, que não era quem ela pensava ser, consegue a ajuda de várias pessoas e tem o esperado final feliz ao lado de novos amigos.

Essa leitura tocou o meu terno coração de criança e, a partir daí, encantei-me pelo universo das palavras: nunca mais parei de



ler. É bem verdade que, naquela época, não dispunha de muitos recursos para comprar livros, então contentava-me com os poucos exemplares disponíveis na biblioteca da escola, que eram lidos e relidos ano após ano.

Na época da escola, sempre havia aquelas famosas redações de retorno às aulas, cujo tema era “as minhas férias”. Apesar de não ter verdadeiramente nenhuma novidade a contar, nenhuma viagem a descrever, aventurava-me na escrita e belas histórias eram contadas com riqueza de detalhes em uma página cheia de sonhos.

À medida que fui crescendo, a escrita tornou-se um projeto de vida, que venho acalentando há algum tempo. Porém, ainda me falta coragem para depositar no papel as palavras que povoam a minha mente. Confesso que há uma pitada de medo, mas também de cautela, porque sei que as ideias precisam amadurecer. É nesse processo pré-gestacional que me encontro atualmente.

Devo confessar também que o processo de aprendizagem de gramática foi deveras difícil e, porque não dizer, de certa forma traumático. Primeiro, porque não dispunha de muito tempo para me dedicar aos estudos, já que a minha realidade não me permitia.



Segundo, porque a metodologia utilizada pelos professores não ajudava muito. Não havia essencialmente aprendido, mas um processo de repetição, em que se decoravam regras e sentenças.

Durante a fase do pré-vestibular tive a felicidade de encontrar excelentes profissionais que me guiaram e suavizaram os traumas do passado. Fiz minha primeira graduação em Direito, mas sempre tive consciência de que, mais cedo ou mais tarde, acabaria na Letras: apesar das dificuldades, essa sempre foi uma paixão. Por isso, eis-me aqui, na Faculdade.

Margarete Martins dos Santos



5. O processo de ensino-aprendizagem da Gramática Tradicional

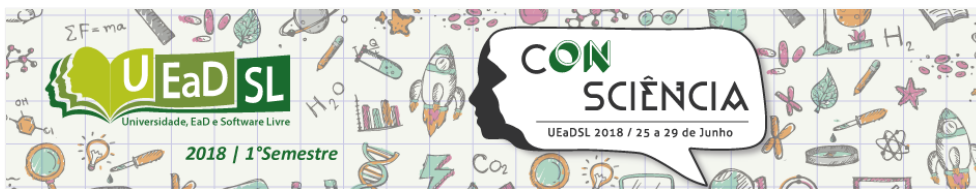
Hoje, enquanto formanda do curso Letras (Licenciatura Português), observo a gramática sob duas perspectivas distintas: a partir do viés da docência e por meio da minha experiência individual, enquanto estudante da educação básica. Assim, tratarei aqui sobre o processo de ensino aprendizagem da Gramática Normativa.

Tive a oportunidade de estudar em uma boa escola pública durante a educação básica, os professores, em sua grande maioria, eram dedicados e dinâmicos. A estrutura da escola era muito boa (espaçosa, com vários painéis pintados, continha 3 laboratórios, 2 quadras esportivas, estacionamento em local separado para os professores, horta e jardim). Recordo-me que, desde o Fundamental 1, a professora exigia que produzíssemos diversos textos. Além disso, também fui muito incentivada quanto à leitura, ia à biblioteca duas vezes por mês, para pegar livros emprestados, com o intuito de fazer "fichas literárias". No Fundamental 2 não foi diferente, minha professora era super didática e ensinava os conteúdos gramaticais por meio de encenações teatrais. Ela mesclava ensino de gramática e de literatura e fazia projetos literários tais como: "café com poesia".



Este projeto consistia na leitura prévia de um clássico literário (Machado de Assis, José de Alencar, dentre outros) e, posteriormente, numa reunião para discutir sobre a obra lida. Tal discussão abrangia diversos aspectos: desde o conteúdo tratado no livro, até os elementos literários (narrador, personagens, tempo, espaço). Contudo, no Ensino Médio, não tive uma experiência tão agradável em relação à aprendizagem do conteúdo de Língua Portuguesa, as aulas eram destinadas, basicamente, a realizar tarefas do livro didático. Além disso, o professor priorizava a gramática em detrimento à literatura, as aulas eram maçantes e pouco proveitosas.

No que tange ao ensino da gramática, pretendo ser uma docente capaz de enfatizar o propósito de aprendizagem da língua padrão, pois, dessa forma, o conteúdo gramatical passa a fazer sentido na vida do estudante. Nesse sentido, cabe ao professor frisar que o ensino da língua padrão se faz necessário, para que as pessoas entendam as situações de uso do idioma. O português padrão, por exemplo, deve ser aplicado em determinados contextos comunicativos. Em outras situações, porém, este tipo de linguagem seria inviável. Portanto, cabe ao professor apresentar esses contextos comunicativos, utilizando-se de várias



ferramentas, tais como, os gêneros textuais ou textos literários. Ademais, é responsabilidade do professor mostrar ao estudante que não existe variante linguística "certa" ou "errada", pois essas questões estão estritamente associadas a situações comunicativas de uso da língua. Em síntese, quando o discente é capaz de entender os propósitos de ensino da língua, e quando esse processo é feito de forma dinâmica, o ensino torna-se mais significativo.

Ludymila Alvres dos Santos

Realização

Textolivre

Apoio

Laboratório
SEMIOTEC

CAED
Centro de Apoio à Educação e Didática

FALE
FACULDADE
DE LETRAS

FRAC
FACULDADE
DE CIÊNCIAS
EXATAS

PROEX
PRÓ-REITORIA
DE EXTENSÃO
E PESQUISA

PROGRAD
PRÓ-REITORIA
DE GRADUAÇÃO

UFMG



6. sempre tentei fugir

Sou desses alunos que passaram o ensino fundamental e médio assistindo à aula de português fisicamente presente, porém com a cabeça em qualquer outro lugar do universo que não fosse a sala de aula. Embora literatura sempre tenha sido um campo pelo qual me interesse muito, e tivesse uma rotina de leitura diferentemente do restante da minha turma, que nada lia, as aulas de português só me interessavam na semana de revisão/preparação para alguma prova, para a qual eu estudava com rigor, alcançava a nota que fosse necessária, e aquela informação decorada rapidamente se esvaía como poeira no vento.

Escolhi Letras, sabendo que, em algum momento, eu teria que lidar com esse "lado b" da coisa, essa "poeira" que fui varrendo para debaixo do tapete. A princípio, logo no primeiro período, foi um pouco doloroso lidar com conceitos de gramática de cuja existência nem me lembrava, mas fui salvo pela linguística e pelo entendimento de que estudar a língua é importante para a linguagem, a qual, por sua vez, o é para uma conscientização da força que nós exercemos culturalmente nessa estrutura.

Começo agora a buscar um aprimoramento do conteúdo



gramatical, um entendimento menos caótico dos conceitos prescritos, como quem traz luz ao sistema de escrita, e compreende o uso de formas que, de certo modo, até então eram apenas reafirmadas sem lucidez . Partindo dessa conscientização, do ensino do português padrão como uma estratégia e um mecanismo de direito humano, é que me sinto motivado a persistir nessa prática e a compartilhá-la, agora consciente de que esse ensino e aprendizado devem ser entendidos na sua diferenciação essencial entre língua escrita e falada, bem como variantes da língua padrão, culta e não padrão.

José Gomes de Oliveira Junior



7. A escolha da minha vocação

Não me lembro de quase nada da época da escola ou mesmo da língua portuguesa em minha infância, mas lembro de não apresentar grandes dificuldades na leitura e escrita. Não tive pontos marcantes que poderiam criar uma boa história e cativar meu leitor.

Descobri que gostava de línguas quando comecei a perceber e aprender sobre as línguas estrangeiras. Primeiro, me apaixonei pelo espanhol e aprendi muito da pronúncia e da escrita graças a essa paixão. Depois comecei a ter influência da música americana e, é claro, adorava aprender palavras novas, o que me levou a prestar mais atenção ao português.

Descobri que queria ser professora, pois vi que gostava de ensinar e era muito curiosa para aprender as coisas. No trabalho, adorava treinar novatos. Percebi que tinha paciência e dom para ensinar e, com isso, a vontade de ser professora aumentou ainda mais. No cursinho, tive uma professora de português que levava tanto jeito com o ensino, sabia tanto e tinha tanto prazer em fazer o que fazia, que foi decisiva para a minha vontade de fazer letras. Com ela, aprendi muita coisa que não tinha aprendido na escola,



ou mesmo que não havia tido interesse em aprender por não entender sua importância. As regras e exceções da gramática são até hoje um grande desafio, mas, a cada dia, podemos aprender mais, com os estudos e dedicação. Sempre que possível tento ler a respeito da gramática, assisto vídeos e busco resumos para facilitar o entendimento.

Quando resolvi fazer Letras, achava que o curso se resumia a 4 anos de ensino de didática e gramática. Quando descobri que não era, fiquei um pouco decepcionada, mas não o suficiente para desistir.

Sabia que, mesmo com as dificuldades, queria ser professora de línguas, pois ainda gosto de aprender e ensinar. Várias questões e problemas me distanciaram por um tempo deste sonho, mas, felizmente, estou caminhando para realizá-lo.

Diana Xavier da Silva Vieira



8. A gramática e eu

Meu nome é Guilherme Domingos, estou no último período do curso de licenciatura em Letras/Português na Universidade Federal de Minas Gerais. Minha história com a gramática da língua portuguesa, inicia-se no dia em que descubro que não tinha aptidão alguma para área das exatas e teria que escolher algo noutra campo do conhecimento que não tivesse números. Como gostava de ler, e entendia o que era explicado nas aulas de Português, (talvez por falar a minha língua, não em “matematuquês”) elegi a disciplina de Português como favorita, e com o tempo fui tomando gosto.

Com o passar do tempo tomei mais gosto pelo estudo da nossa língua, mas sempre tive muita dificuldade em assimilar o conteúdo gramatical, ainda mais quando se tratava da metalinguagem, aquela parte de decorar um monte de nomes da Nomenclatura da Gramatical Brasileira (NGB), mas mesmo com esse percalço não desanimei.

Além do estudo da língua portuguesa, me interesseo pelo estudo da Língua de Brasileira Sinais (LIBRAS), língua oficial (reconhecida pela lei 10.436/2002) utilizada pelos surdos



brasileiros. Língua essa que também tem sua própria estrutura gramatical.

Hoje, já quase findando o curso Letras, tenho a certeza que não domino a gramática da nossa língua (nem da Libras), sei, talvez o básico, e isso me motivou, nesse apagar das luzes do curso de licenciatura em Português, a matricular-me nessa disciplina (gramática tradicional), uma vez que como futuro discente da língua portuguesa tenho que conhecer profundamente essa parte integrante da nossa língua nativa – a Gramática.

Guilherme Domingos do Carmo

Realização

Textolivre

Apoio

Laboratório
SEMIOTEC

CAED
Centro de Apoio à Educação e Didática

FALE
FACULDADE
DE LETRAS

FRAC
FACULDADE
DE CIÊNCIAS
EXATAS

PROEX
PRÓ-REITORIA
DE EXTENSÃO

PROGRAD
PRÓ-REITORIA
DE GRADUAÇÃO

UFMG

25



9. A gramática em minha vida

Curioso e engraçado: nunca tinha pensado em escrever sobre como se deu meu envolvimento e o estudo da gramática ou, melhor dizendo, como fui parar na Faculdade de Letras. Em várias oportunidades fiz essa explanação para alguns amigos e familiares, mas escrever sobre isso realmente é a primeira vez.

Primeiramente, acho prudente informar que sou oriundo de escola pública e nunca tive a oportunidade de estudar em escolas particulares. De família humilde e com um capital cultural (no que tange a educação, claro) bastante limitado, sempre tive apoio incondicional dos meus pais. Eles, porém, me apoiavam da melhor forma que podiam e, por não terem tido um acesso mais profundo acerca dos estudos, foi um apoio limitado e sempre tive que me virar para estudar sozinho.

Sempre fui muito cobrado em casa para obter boas notas na escola e na maioria das vezes conseguia, porém, confesso que estudar não era minha prioridade. Bom, pelo menos não era até sair do ensino médio (ao que se pode deduzir o quão efetivos foram meus estudos no ginásio). Inúmeras coisas podem justificar tal fato, mas prefiro não entrar em detalhes, pois detesto ter que



falar mal da educação no Brasil e, mais que isso, dos nossos queridos governantes. No entanto, reconheço que comumente o faço, então poupar-nos-ei desta vez (essa mesóclise te lembra algo ou alguém? Deixa pra lá...). São questões tão óbvias, contemporâneas e, sobretudo, tão indignantes que é difícil alguém não saber do que estou falando.

Quando finalizei o ensino médio, para realizar, talvez, um sonho do meu pai, sabia que tinha que entrar logo em alguma faculdade. E foi aí que me estrepei. Como dispúnhamos de pouca grana (quase nenhuma), precisava escolher um curso que coubesse no orçamento, digo, meu orçamento, visto que já trabalhava e seria eu mesmo quem custearia meus estudos. No entanto, costumo dizer que foi a faculdade que me escolheu (risos, muitos risos...).

Fiz, então, um curso tecnológico que achei péssimo, e lá se foram dois anos da minha vida "desperdiçados" numa área que detestava, embora meus pais tenham ficado muito felizes depois que formei. A partir desse triste incidente, decidi que faria outra faculdade, mas dessa vez uma que eu realmente quisesse, independentemente de qualquer coisa. Ah, estava decidido



também que não pagaria um centavo sequer para realizá-la. Daí, as dificuldades aumentariam pois, como disse, tive uma trajetória escolar bastante deficiente e, para ingressar numa faculdade pública ou conseguir bolsa, precisava alcançar boas notas no Enem. Sempre trabalhando e estudando, dediquei-me ao máximo ao meu novo objetivo, foi aí que fiz dois anos de cursinho, melhor fase da minha vida. Achava sensacional: para dar uma ideia, ia até aos sábados e ainda pegava monitorias. Tive que aprender muita, muita coisa (sempre a duras penas, evidente), pois várias matérias eram “novas” pra mim. Ao entrar no cursinho, estava decidido a fazer História, curso para o qual cheguei a prestar vestibular na UFMG, sem sucesso.

E foi no ano seguinte, ainda no cursinho, que conheci uma figura EXCEPCIONAL, meu professor de literatura. Sabe aqueles professores que, após a aula, dá vontade de abraçar e agradecer? Então, ele era melhor ainda que um destes. Exemplo de educador e, além de tudo, ser humano. A partir daí eu pensava: quero ser igual a esse cara. Pronto, resolvi fazer Letras, licenciatura. Tentei vestibular e passei. Minha família não curtiu muito, sabe? Achavam que ser professor era uma profissão pouco valorizada e que requereria muita dedicação e amor. Sábios, não? A partir de então,



passei a ter um contato mais íntimo com a gramática, o que, de início, foi horrível. É impressionante como alguns professores da faculdade presumem que todos que estão ali fazendo Letras são especialistas em gramática, incrível!

Aos poucos fui me adaptando e tentando contornar os momentos de espanto, acho, inclusive, que até me saí bem. Entretanto, sei que é assim pra muitos e, felizmente, como não estamos na faculdade só para estudar gramática, particularmente me apaixono cada dia mais com a literatura. É o que me toca de verdade, além, é claro, da imensa vontade de querer ser o professor que meus pais talvez não quisessem que fosse e ainda poder contribuir de forma efetiva para a melhoria desse nosso deficiente quadro educacional.

Ted Vizeira Sobrinho

Realização

Textolivre

Apoio

Laboratório
SEMIOTEC

CAED
Centro de Apoio à Educação e Didática

FALE
FACULDADE
DE LETRAS

FRAC
FACULDADE
DE CIÊNCIAS
EXATAS

PROEX
PRÓ-REITORIA
DE EXTENSÃO
E PESQUISA

PROGRAD
PRÓ-REITORIA
DE GRADUAÇÃO

UFMG



10. Minha História

Desde a infância, a matéria com a qual tive maior identificação foi o Português. Durante meu trajeto, surgiram muitas dificuldades, mas, sempre tentei superá-las no dia a dia. Na primeira série do ensino fundamental, houve um concurso que propunha a escrita de um “livrinho”, fato que me marcou muito pois, até hoje, lembro-me dos detalhes da narrativa que escrevi: era um diálogo entre Deus e os anjos, inspirada nas histórias que minha avó, professora da vida, contava para mim. Nas sexta e sétima séries tomei gosto pela escrita. Nessa época, tinha aula de redação e a criatividade advinha das leituras frequentes, pois havia sempre uma obra ao alcance das mãos. A partir de então, as regras gramaticais vieram com força. Na época, perdi um pouco a afinidade com a matéria, mas, aos poucos, fui vencendo as dificuldades. O estudo é constante e permanente, contudo, sempre há algo novo a aprender: a necessidade e a urgência do aprendizado às vezes me afligem, mas, pouco a pouco, vou adquirindo novos saberes.

Natalia Carin da Silva Oliveira

11. A minha história e a gramática

Comecei a estudar muito cedo. Com 5 anos já sabia ler e escrever, o que devo à professora que eu tinha no pré-escolar, por quem qualquer aluno se apaixonava e tinha maior facilidade no aprendizado.

Com meus 6 aninhos, a biblioteca fazia parte da minha rotina. Sempre levava livros para ler em casa e recebia apoio constante dos meus pais. Foi, inclusive, meu pai quem me apresentou com um livro cujo título era "As mais belas histórias", um livro com mais de 300 páginas. Foi um desafio e tanto terminar de ler aquele livro, mas a paixão pela leitura era uma sementinha que crescia a cada dia. Assim nasceu o desejo de ser professora. Quando eu chegava em casa, ia brincar com minha vizinha. E quem era a professora? Eu, é claro! Eu ensinava à minha aluna tudo o que eu aprendera na escola.

A língua portuguesa era a matéria de que eu mais gostava. Lembro pouco das aulas de gramática, mas a impressão que eu tinha era de que os professores de português tinham o costume de empurrar para os alunos os diversos conceitos gramaticais, como se aprendizado da gramática fosse sagrado, sem muitas



explicações nem lógica. Eu ficava me questionando: o objetivo da escola não é ensinar o português padrão? Não é dominar o dialeto padrão? Eu não precisava seguir esse monte de regras para saber ler, compreender e me comunicar de forma correta.

Costumo dizer que aprendi gramática na faculdade, pois foi onde obtive respostas mais claras e objetivas.

Vanessa Ribeiro da Silva

Realização

Textolivre

Apoio

Laboratório
SEMIOTEC

CAED
Centro de Apoio à Educação e Didática

FALE
FACULDADE
DE LETRAS

FRAC
FACULDADE
DE CIÊNCIAS
EXATAS

PROEX
PRÓ-REITORIA
DE EXTENSÃO

PROGRAD
PRÓ-REITORIA
DE GRADUAÇÃO

UFMG

12. A gramática e eu

Em nossa sociedade, a escrita desempenha um papel fundamental. Está em toda parte e precisamos dela nas mais diferentes situações da vida.

Além disso, numa sociedade em que quase tudo passa pela escrita, a alfabetização é essencial para uma melhor compreensão da realidade na aprendizagem da leitura e da escrita.

Aprender a ler significa aprender a ler o mundo, ou dar significado a ele. Diante deste contexto, o proposto, objetiva elencar as principais concepções que norteiam o processo de leitura e escrita.

Quando fiz anos iniciais no magistério infantil aprendi a lidar com a escrita e buscar conhecimentos de vários autores, entendendo os conhecimentos da escrita.

Essa busca foi um grande marco em minha história pois com esses autores se pode ter uma ampla visão de como se coloca a escrita de varias formas.

Como marco teórico inspirou-se nos estudos de Vygotsky, Freire, Cagliari, Ferreiro, Sole, Castro, Barbosa, entre outros.



Quanto aos suportes metodológicos e seus passos ao conhecimento.

É possível ver que a leitura está estritamente relacionada à escrita, mas sua aprendizagem está tradicionalmente ligada aos atributos linguísticos, culturais, sociais.

Fernanda Luiza da Silva

Realização

Textolivre

Apoio

Laboratório
SEMIOTEC

CAED
Centro de Apoio à Educação e Didática

FALE
FACULDADE
DE LETRAS

FRAC
FACULDADE
DE CIÊNCIAS
EXATAS

PROEX
PRÓ-REITORIA
DE EXTENSÃO
E PESQUISA

PROGRAD
PRÓ-REITORIA
DE GRADUAÇÃO

UFMG



13. Biografia gramatical (futebolística)

Minha história com a gramática, literatura e com a língua portuguesa em geral sempre esteve relacionada com o futebol.

Desde pequeno sempre fui apaixonado pelo esporte bretão. Assim como a maioria dos meninos brasileiros, tinha nesse esporte meu maior momento de distração e lazer. O futebol fazia parte da minha vida de uma forma tão direta, que aprendi a escrever copiando o hino do time para o qual eu torço.

Após esses primeiros encontros, o futebol continuou acompanhando meu aprendizado e gosto por literatura. Comecei lendo crônicas e contos em jornais e depois parti para um caminho natural para mim, que foi a busca por autores que falavam sobre futebol.

Li Nelson Rodrigues, Roberto Drummond e algumas biografias de esportistas, com isso, coloquei-me na rota para outras literaturas e logo soube que esse era o meu caminho.

Ainda hoje o futebol está alinhado com a gramática presente em minha vida: agora sou colunista de um blog que tem como tema o esporte na universidade e, depois disso tudo, trabalho como redator. Portanto devo agradecer ao futebol por ter me



inserido no ambiente gramatical e literário.

Cláudio de Oliveira Souza Neto

Realização

Textolivre

Apoio

Laboratório
SEMIOTEC

CAED
Centro de Apoio à Educação e Didática

FALE
FACULDADE
DE LETRAS

FRAC
FACULDADE
DE CIÊNCIAS
EXATAS

PROEX
PRÓ-REITORIA
DE EXTENSÃO

PROGRAD
PRÓ-REITORIA
DE GRADUAÇÃO

UFMG

14. Minha História com a Gramática

Comecei a frequentar a escola aos sete anos. Antes disso já tinha algum contato com livros ou revistas que minhas irmãs traziam da escola ou pegavam emprestados para ler. Aprendi a ler bem rápido e, hoje, a sensação que tenho é que já sabia ler quando comecei a frequentar a escola. As atividades de Português eram bem fáceis: se resumiam a ler um pequeno texto e responder a questões as quais não exigiam nenhum raciocínio, como nome do autor, personagens ou outras informações que eram facilmente localizadas.

Na quinta série, hoje sexto ano, a novidade foi a variedade de professores, mas pouca coisa mudou. As atividades, durante a maior parte do tempo, se resumiam a copiar do quadro o que o professor ia copiando dos livros. A explicação só vinha depois de várias aulas copiando textos teóricos. No caso específico da disciplina de português, não tive dificuldades, pois sempre gostei de ler e, por isso, as aulas me pareciam monótonas.

Não havia problematização de questões, que se resumiam a decorar e localizar informações nas frases descontextualizadas. Conheci orações subordinadas apenas nas teorias e cheguei a



pensar que sujeito, predicado e seus complementos só existissem em orações bem específicas, nas quais tudo era bem definido.

Depois que saí da escola, percorri caminhos, nos quais a busca por teorias mais profundas se fez necessária e foi com curiosidade que procurei informações nas gramáticas, sempre me surpreendendo com a falta de abordagem de vários temas nas aulas do meu passado. Na escola, os conceitos haviam sido aprendidos de forma isolada, sem relação com o texto.

Ainda hoje é assim com a norma culta, sempre estou descobrindo algo. A diferença é que hoje eu a conheço também pela ótica dos linguistas, o que é muito interessante pois desconstrói o caráter preconceituoso do uso de normas cultas que permeia nossa sociedade.

Eloisa Maria da Cruz



15. Minha vivência com a gramática na graduação

Minha vivência com a disciplina de Gramática Tradicional, no curso de Letras, vem sendo um tanto quanto complicada, devido à minha condição de saúde, que faz com que o meu cérebro capte as informações num ritmo mais devagar e funcione como um funil.

Eu consigo aprender o conteúdo, mas, na hora de aplicá-lo, as informações se misturam e daí eu me perco na organização.

Eu já tentei fazer a disciplina três vezes, sem sucesso. Sempre que eu começava a ter uma interação com os conteúdos, eu ia bem durante certo tempo, mas, logo em seguida, o meu rendimento começava a cair e eu não conseguia mais ter o mesmo desempenho, deixando de conseguir até mesmo formular e resolver propostas simples.

Eu gosto da disciplina e consigo compreender os conteúdos, mas, além da minha condição de saúde, também pesou a relação com as últimas professoras da disciplina e o stress causado por isso, de modo que acabava por não evoluir muito e sempre acabava sendo reprovada.

Juliana de Jesus Aquino Silva



16. Minha história

Sou a Roany Paiva, estudante de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais. Minha habilitação é licenciatura em Língua Portuguesa e vou contar um pouco da minha história com a gramática. Para iniciar esse relato, preciso regressar ao meu 5º ano do Ensino Fundamental. Nessa série tive o prazer de ser aluna de uma profissional que marcou minha vida. A professora Suzana, de Língua Portuguesa, ministrava as suas aulas de maneira lúdica, com muita contação de história e amor pelo o que fazia. Esses momentos compartilhados com ela me tocavam intensamente. Apesar de eu já simpatizar com o Português, ela despertou em mim um interesse que eu pensei que nunca teria por nada: o amor pela língua e, principalmente, pela Literatura.

Ao deixar a escola em que estudava, na qual era aluna dessa professora, para ir para o Fundamental II, lia livros e mais livros de forma incansável, devorando-os e sempre refletindo sobre o poder da língua e da linguagem. O prazer em ler veio das histórias que eu ouvia a professora Suzana contar e do contato com a série Vagalume, mediado, também, por ela. Esses momentos não se tratavam apenas de ler uma história, mas de



expandir cada vez mais o meu vocabulário. Assim, pude fazer as minhas primeiras comparações gramaticais, como ao perceber que, em um livro, uma vírgula era posta em um determinado lugar, mas, em outro livro, em um contexto semelhante ao do primeiro livro, uma vírgula era encontrada em um lugar diferente.

Essas questões me colocavam em contato direto com a gramática tradicional, aguçando a minha vontade de entender o que estava acontecendo. Nessa fase, levando essas atividades como algo prazeroso, eu já havia alicerçado dentro de mim a vontade de ser professora de Português.

Ao longo de todo o Ensino Fundamental e Médio mantive, dentro do possível, o hábito da leitura e da análise gramatical dos textos que eu tinha contato. Posso afirmar que tive excelentes notas em Português, Literatura e Redação, mas sempre achei a gramática um pouco difícil. Mesmo com a prática da análise nos textos, era muita coisa para ser decorada. Sentia as regras internalizadas em meu uso, mas muitas vezes encontrava dificuldade em nomear um fenômeno da língua que acontecia tão espontaneamente. Aos poucos, minha dedicação à gramática foi diminuindo e, tendo consciência da norma culta, optei por usá-la



com flexibilidade. Ao adentrar a graduação, cheguei a abandonar duas vezes a disciplina presencial de Gramática Tradicional por diversos fatores, dentre eles a dificuldade em entender, mas, principalmente, decorar tantas regras gramaticais. Foi nessa fase que percebi que a minha relação com a gramática era mais conflituosa do que eu imaginava.

Ao longo da graduação surgiu um grande desafio: trabalhar como monitora de redação e corrigir alunos que tinham quase a minha idade e, muitas vezes, mais conhecimento gramatical que eu. Essa foi a força motriz para que eu tentasse fazer as pazes com a gramática. Sempre achei o ensino de gramática um tanto quanto defasado dentro da Faculdade de Letras, poucas disciplinas são ofertadas, o foco na linguística é muito grande, enquanto o foco na gramática, que é exatamente aquilo que teremos maior contato na hora de lecionar, é pequeno. Logo, me virei sozinha e iniciei o estudo individual e particular de casos gramaticais específicos e a minha relação com a gramática melhorou.

Hoje, percebo que a gramática vai muito além de regras. Ela é uma manifestação da cultura, é uma documentação histórica da



língua e se faz extremamente importante. Com a consciência da adequação contextual, vejo que a língua é um instrumento de poder e dominá-la é importante. Nesse contexto, a gramática é essencial para a língua e todos - sem exceção - a conhecem, inteiramente, e também sabem usá-la. Saber gramática vai muito além de nomear regras, saber gramática é se comunicar, é atingir um objetivo enquanto falante e ouvinte.

Roany de Jesus Roberto Paiva

Realização

Textolivre

Apoio

Laboratório
SEMIOTEC

CAED
Centro de Apoio à Educação e Didática

FALE
FACULDADE
DE LETRAS

FRAC
FACULDADE
DE CIÊNCIAS
EXATAS

PROEX
PRÓ-REITORIA
DE EXTENSÃO
E PESQUISA

PROGRAD
PRÓ-REITORIA
DE GRADUAÇÃO

UFMG

17. Eu e a gramática

Olá!

Meu nome é Flávia Rodrigues, tenho 30 anos. Neste momento, estou em meu último semestre do curso de Licenciatura do Inglês e já atuo na área como professora de inglês de uma escola regular particular.

Ainda que não sejam lembranças tão longínquas, não consigo lembrar com muita clareza do meu processo evolutivo no aprendizado de leitura e escrita, mas tentarei relatar o que lembro com todo carinho. Desde quando começam as minhas lembranças de infância, posso afirmar que sempre gostei de escrever. Aprendi a escrever meu nome completo antes mesmo de começar a frequentar o “Jardim de Infância”. Minhas maiores notas, ou meus melhores aproveitamentos, eram sempre com as disciplinas de línguas: Português e Inglês.

Sempre tive muita facilidade em compreender as regras ortográficas e gramaticais. E, por gostar tanto da Língua Portuguesa, a literatura também me interessou muito. Buscando por flashbacks da época da escola, consigo lembrar perfeitamente dos livros que li. Não apenas aqueles obrigatórios para provas e



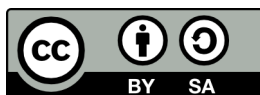
trabalhos escolares, mas, também, livros que eu lia pelo simples prazer da leitura. Além disto, identificava-me muito com os professores de línguas e literatura e muitos deles serviram de inspiração para a profissão que hoje exerço com tanto amor.

Na fase do pré-vestibular, conheci muitos professores de Língua Portuguesa e de Inglês que foram as peças chave para minha escolha de curso. Durante os primeiros semestres da faculdade, tive muito contato com a gramática e sintaxe da Língua Portuguesa. Porém, nos semestres seguintes, meus estudos se aprofundaram aos aspectos linguísticos e literários da Língua Inglesa.

Bom, esta é minha história, ou parte dela. Ainda não sei... Espero conseguir mais lembranças para completar a minha página.

Até breve!

Flávia Rodrigues



Realização



Apoio

